Tópicos em semântica aplicados à Libras

A capacidade de falar uma língua demanda de seu usuário conhecimentos variados, dos quais ele nem sempre está consciente. Assim, para um usuário fluente da Libras, por exemplo, há muitos mecanismos que são recorrentemente empregados com sucesso; porém, se questionado sobre tais mecanismos, comumente o usuário não sabe explicitá-los. Isso não é um problema, afinal, o indivíduo pode se servir muito bem da língua sem conhecer alguns de seus recursos de forma consciente. Contudo, explicitar certas estratégias por meio das quais alguns efeitos de sentido podem ser alcançados numa dada língua é um ótimo instrumento de aprendizado para aqueles que ainda não dominam tal língua, bem como para aqueles que precisam fazer dessa mesma língua não apenas um uso comunicativo, mas um uso profissional, como é o caso de professores de línguas, tradutores, intérpretes, revisores etc. Fundamentada nesse pensamento, a presente aula traz como proposta alguns dos conhecimentos produzidos pela área da semântica para que você, estudante, possa primar pela clareza, organização e consecução dos objetivos de seu discurso ao usar a Libras, seja no dia a dia ou de forma profissional.

O que é semântica?

Oliveira (2001) explica que definir o objeto de estudo da semântica não é fácil. Uma resposta possível é que essa área dos estudos linguísticos trata da investigação do significado. Contudo, segundo a autora, não há consenso entre os próprios linguistas sobre o que significa o significado. Além disso, como a questão do significado está fortemente ligada à questão do conhecimento. Outro problema que se levanta é o da relação entre linguagem e mundo e de que forma o conhecimento se torna possível. Não havendo acordo sobre as questões levantadas, há várias semânticas. E cada uma elege a sua noção de significado, respondendo diferentemente à questão da relação entre linguagem e mundo, constituindo, até certo ponto, um modelo fechado, incomunicável com os outros. Essa visão é corroborada no excerto a seguir:

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

> A definição de Semântica como área da Linguística que estuda o significado das línguas naturais é bastante consensual. Essa definição é, no entanto, pouco esclarecedora, porque, para entendê-la, precisamos definir, antes, o que é significado. E essa é uma tarefa árdua! Especialmente porque os semanticistas têm diferentes visões a respeito do que seja o significado e a significação. É por isso que podemos dizer que há semântica de todo tipo. Há semântica textual, semântica cognitiva, semântica lexical. Há semântica argumentativa, semântica discursiva... Todas elas estudam o significado, cada uma do seu jeito. (MÜLLER; VIOTTI, 2007, p. 137)

Tanto para Oliveira (2001) quanto para Müller e Viotti (2007) o objeto de estudo da semântica, o significado, carece de uma definição única, aplicável a todos os fenômenos linguísticos que se pretenda analisar semanticamente, motivo pelo qual os semanticistas precisam optar por qual visão de significado se orientar. Para os objetivos desta aula, assume-se que "a Semântica estuda os *conceitos* que construímos em nossas mentes quando estamos diante de um signo linguístico, seja ele uma palavra, uma sentença ou um texto" (MCCLEARY; VIOTTI, 2009, p. 4).

Mas o que se deve entender por conceito, possivelmente, é a dúvida que paira sobre você agora. Bom, essa é uma excelente questão. Para formular sua resposta, considere:

> Existem milhões de mesas no mundo, cada uma diferente da outra: algumas maiores, outras menores, algumas de madeira, outras de metal, algumas redondas, outras retangulares. Se o signo "mesa" associasse uma pronúncia a uma mesa específica, nós teríamos que dizer que o signo "mesa" tem um significado diferente para cada objeto mesa que existe no mundo. Não é isso o que acontece. Nós todos temos, em nossas mentes, uma "ideia" de mesa, uma abstração que nos faz saber o que é uma mesa, e que nos ajuda a reconhecer uma mesa quando estamos diante de uma, não importa qual seja sua forma, o material de que é feito, seu tamanho, ou qualquer outra peculiaridade que ela tenha. Essa "ideia" que temos de mesa é o *conceito* de mesa. (MCCLEARY; VIOTTI, 2009, p. 3-4, grifo dos autores)

É importante observar, segundo McCleary e Viotti (2009), que a ideia de que os autores falam não se trata de uma representação imagética do objeto considerado, nesse caso, mesa, trata-se, na verdade, de uma representação mental abstrata. Então, o ponto crucial para entender o que é um conceito reside na declaração de que o conceito "nos ajuda a reconhecer" objetos, coisas, fenômenos, sentimentos. Sob essa perspectiva, é o conceito que você tem sobre as coisas ao seu redor que lhe permite diferenciar uma chuva comum de uma chuva de pedras (granizo), um mamífero de um anfíbio, uma mesa de uma escrivaninha etc. Isso porque "um conceito é um *princípio de categorização*" (MCCLEARY; VIOTTI, 2009, p. 8, grifo do autor), com o qual se pode organizar e significar o mundo exterior e interior.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Sinônimos e antônimos

De acordo com Pietroforte e Lopes (2007), dois termos são sinônimos quando são intercambiáveis em determinado contexto. Para esclarecer, os autores demonstram que "novo" é sinônimo de "jovem" pois são intercambiáveis, um pode ocupar o lugar do outro, no contexto "homem novo". Porém, os autores chamam a atenção para o fato de que não existem sinônimos perfeitos, mesmo quando um termo pode substituir o outro no mesmo contexto. Isso porque cada termo apresenta valores discursivos distintos:

> [...] um apresenta mais intensidade do que o outro (por exemplo: adorar/amar); um implica aprovação ou censura, enquanto o outro é neutro (por exemplo: beato/religioso) [...] um pertence a uma variedade de língua antiga ou muito nova e outro não (por exemplo: avença/acordo); um pertence a um falar regional e outro não (por exemplo: fifó/lamparina); um pertence à linguagem técnica, enquanto outro pertence à fala geral (por exemplo: escabiose/sarna); um pertence à fala coloquial e outro não (por exemplo: jamegão/assinatura); um é considerado de um nível de língua mais elevado do que o outro (por exemplo: rórido/orvalhado) etc. (PIETROFORTE; LOPES, 2007, p. 126)

Como se não bastasse, ao longo do discurso, o locutor pode transformar em sinônimos palavras que não o são em outros contextos. Como exemplo, os autores citam o discurso político ou econômico, em que sinônimos são criados para substituir palavras ou expressões com valor negativo. Contudo, o contrário também é possível, ou seja, que em determinados contextos palavras consideradas sinônimas em outros deixem de sê-lo, como exemplo os autores empregam o caso do trio *belo*, *sublime* e *bonito*, palavras que, embora possam ser usadas num mesmo contexto, podem não ser intercambiáveis numa discussão sobre conceitos estéticos, tal como demonstra a passagem de um manual de introdução ao estudo da filosofia que foi citada pelos autores:

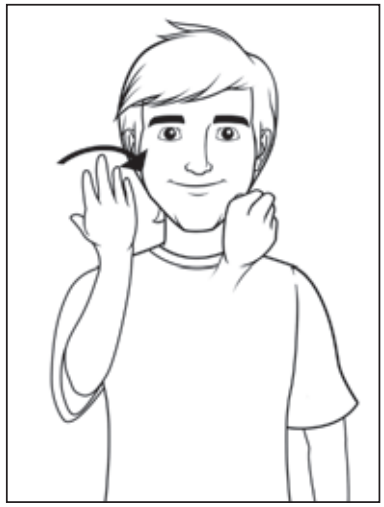
> O Belo decorre do equilíbrio resultante da perfeita combinação de todos os elementos esteticamente relevantes. O Sublime da exacerbação do Belo. Ele é alcançado, segundo Kant, quando ao Belo aliam-se elementos que trazem à consciência certa ideia de infinito. Há nesta categoria uma grandiosidade que ultrapassa a dimensão humana. O Bonito é a forma diminuída do Belo; é o apocaumento do Belo. Não alcança a harmonia e a realização cabal deste. (TELES[1], 1974, p. 113, *apud* PIETROFORTE; LOPES, 2007, p. 126)

Na Libras, por exemplo, saber quanto um sinônimo é próximo do outro depende, em boa medida, da análise das marcações não manuais empregadas. Assim, os adjetivos *bonito* e *lindo*, em português, não são sinônimos perfeitos devido ao grau de intensidade, o qual, na Libras, é dado pela expressão facial empregada durante a sinalização. Observe as imagens:

---

[1] TELES, Antônio Xavier. **Introdução ao Estudo da Filosofia**. São Paulo: Ática, 1974.

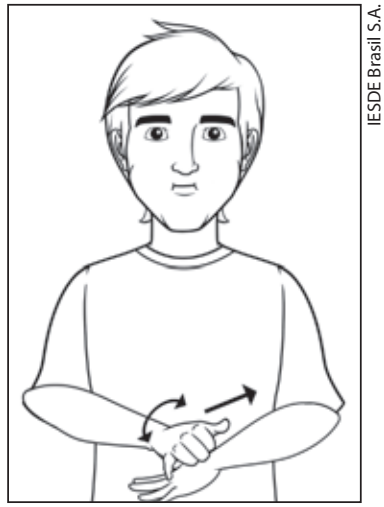
Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br



BONITO.

LINDO.

O mesmo fenômeno se verifica nos adjetivos *gordo* X *obeso* e *educado* X *gentil*, como ilustrado a seguir:



GORDO.

OBESO.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

EDUCADO.

GENTIL.

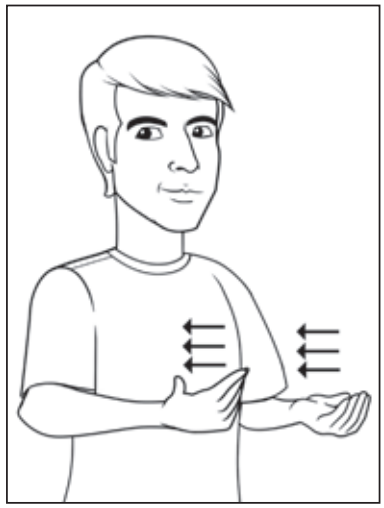
Observe que o sinal realizado manualmente é o mesmo, o que muda a significação, o que distingue os sinais de GORDO e OBESO, de EDUCADO e GENTIL, é a expressão facial empregada, ou seja, as marcações não manuais. Note também que esses adjetivos, tanto na Libras como no português, não são intercambiáveis em todos os contextos, corroborando o dito anteriormente sobre não existirem sinônimos perfeitos.

Os antônimos, por sua vez, funcionam de modo inverso aos sinônimos, uma vez que aqueles expressam significados contrários, como *novo versus velho*, *alto versus baixo, rico versus pobre*. Os autores observam que, assim como os sinônimos, não há oposição total de significado entre antônimos. Sob essa perspectiva, palavras diferentes, mas com pelo menos um significado em comum, podem ter o mesmo antônimo:

> [...] "fresco" e "jovem" têm o antônimo "velho", porque "fresco" significa, quando se refere a alimentos, "que acabou de ser preparado, novo". Por isso, usam-se as expressões *pão fresco e pão velho*. Uma só e mesma palavra pode ter tantos antônimos quantos forem seus significados: "preto" opõe-se a "colorido" em TV *em branco e preto,* a "mais claro em seu gênero" em *pão preto,* "a limpo" em *tinha as unhas pretas* [...]. (PIETROFORTE; LOPES, 2007, p. 127)

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

A Libras também apresenta relações de oposição de significado entre sinais. Convém analisar, inclusive, com base no excerto anterior, o caso do sinal de NOVO. Em português, quando se quer dizer que alguém é jovem, é possível dizer que esse alguém é novo. Assim, em português, os vocábulos *jovem* e *novo* são sinônimos. Essa relação não se mantém na Libras; para dizer que alguém é jovem é preciso empregar o sinal específico JOVEM, e não NOVO, representados na ilustração abaixo:



JOVEM.

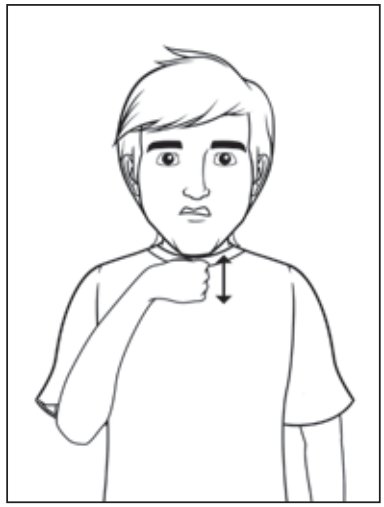
NOVO.

Se o sinalizador empregar o sinal NOVO, estará cometendo uma sentença inadequada do ponto de vista semântico, já que esses sinais remetem a referentes diferentes. O sinal JOVEM remete apenas ao conceito de seres humanos ou animais de pouca idade, enquanto o sinal de NOVO remete ao conceito de pouco tempo de uso de algo, algo recém-fabricado ou adquirido ou também a pessoas que chegaram recentemente a um lugar, empresa, profissão etc. De forma que você entenda melhor esses usos, analise o emprego dos sinais citados nas frases a seguir:

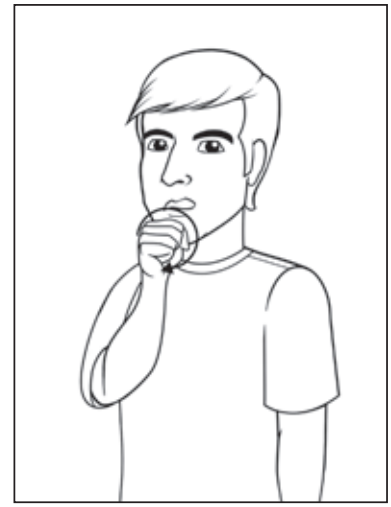
1. JOÃO COMPRAR CARRO NOVO AMANHÃ. (João vai comprar um carro novo amanhã)
2. TRABALHAR FÁBRICA 2 SURD@ NOV@. (Dois surdos novos estão trabalhando na fábrica)
3. ESCOLA TER MUIT@ INTÉRPRETE JOVEM. (A escola tem muitos intérpretes jovens)
4. PESSOA JOVEM GOSTAR ESPORTE RADICAL SEMPRE. (Pessoas jovens sempre gostam de esportes radicais)

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Em português, o adjetivo *jovem* não pode substituir *novo*, mas o inverso é possível, sendo que para ambos pode-se empregar como antônimo a palavra *velho*. Em Libras, de modo diferente, não há contexto em que novo possa entrar em lugar de jovem, nem o contrário, com o adendo de que existe um antônimo para o sinal JOVEM e um antônimo para o sinal NOVO, tal como demonstrado:



Sinal antônimo de JOVEM = VELHO1



Sinal antônimo de NOVO = VELHO2

Infelizmente, não há notícias de estudos semânticos sobre a Libras, razão que impede a afirmação – porque, por enquanto, não há estudo demonstrativo disso – de que também na Libras "uma só e mesma palavra pode ter tantos antônimos quantos forem seus significados" (PIETROFORTE; LOPES, 2007, p. 127).

Ainda há, de acordo com Pietroforte e Lopes (2007), antônimos que expressam oposições gradativas e há antônimos que expressam oposições polares. Assim, morto *versus* vivo representa uma oposição polar, já pequeno *versus* grande representa uma oposição gradativa, posto que sua aplicação depende do ponto de vista de quem os emprega e do recorte que fará do contínuo dos limites que separam esses conceitos, o que também pode ser dito sobre a Libras. Com isso, fica claro que, apesar de os dicionários trazerem listas de sinônimos e antônimos, essas relações só ficam suficientemente claras no contexto e que é preciso ter cuidado ao se empregar esses recursos semânticos.

Hiponímia e hiperonímia

As noções de hiponímia e hiperonímia tratam das relações semânticas que podem ser estabelecidas entre dois conceitos, um mais restrito, específico, dominado por outro, mais geral:

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

> A hiperonímia e a hiponímia são fenômenos derivados das disposições hierárquicas de classificação próprias do sistema lexical. Há significados que, pelo seu domínio semântico, englobam outros significados menos abrangentes. Na taxionomia animal, por exemplo, *mamífero* engloba felino, canídeo, roedor, primata etc. (PIETROFORTE; LOPES, 2007, p. 128)

Conhecer esse tipo de fenômeno é útil, pois permite ampliar o vocabulário à medida que se estuda as relações hierárquicas entre diferentes conceitos de um mesmo campo semântico, e suas possíveis relações com outros domínios conceituais:

> Nesse tipo de disposição hierárquica, há uma relação entre significados englobantes e englobados de acordo com o domínio semântico de cada termo da classificação. O significado de animal é englobante dos significados de réptil, aves e mamíferos, cujos significados são englobados por ele. O significado de mamífero, por sua vez, é englobante em relação aos significados de roedor, cetáceo, felino, canídeo, marsupial e primata, seus englobados. (PIETROFORTE; LOPES, 2007, p. 129)

Conhecer um fenômeno como esse faz parte das exigências para que alguém possa se considerar fluente numa dada língua e, além do mais, é uma boa ferramenta para auxiliar intérpretes, durante interpretações simultâneas ou consecutivas, já que abre a possibilidade de o intérprete explorar o recurso de empregar conceitos mais genéricos em lugar de longas listas de termos específicos que nem sempre são necessários. Por exemplo, imagine as seguintes situações. Primeiro, numa conferência sobre bem-estar e saúde, o conferencista diz que é importante primar pela ingestão de fibras, comendo maçã, banana, laranja, goiaba, abacaxi, alface, couve-manteiga, almeirão etc. Segundo, numa conferência sobre emagrecimento, o palestrante explica que a banana e o abacate não beneficiam uma dieta de emagrecimento. No primeiro caso, o intérprete pode, pois não há perda de conteúdo, substituir a lista enumerada pelo palestrante por conceitos mais gerais: frutas e verduras. Já no segundo exemplo, essa troca não pode ser feita, pois afetaria todo o conteúdo da mensagem, passando uma informação errônea.

Ambiguidade

Grosso modo, a ambiguidade pode ser definida como o efeito de sentido causado por expressões linguísticas que apresentam mais de um sentido, ela pode ser causada por fatores sintáticos ou semânticos. Observe:

O vândalo bateu na velha de bengala.

Essa sentença, assim, sem contexto, apresenta pelo menos duas interpretações: (i) o vândalo bateu numa velha que estava de bengala e (ii) o vândalo bateu com a bengala na velha. Essa é uma ambiguidade sintática – daí o desinteresse da Semântica por esse tipo de ambiguidade –, posto que os sentidos possíveis

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

emanam não da expressão "de bengala", mas de seu posicionamento na estrutura frasal. O contrário se dá com o exemplo a seguir:

Passei a tarde na rede, jogando.

Sem contexto, essa sentença também apresenta duas leituras, tendo em vista que em português a palavra *rede* pode apresentar variados significados:

> 1. Instrumento de pesca de malhas. 2. Tecido fino de malha, com que as mulheres envolvem o cabelo; redinha. 3. Artefato para descansar ou dormir, preso pelas duas extremidades em árvores etc. 4. *Por ext*. Conjunto de cabos telefônicos ou elétricos de uma cidade. 5. *Por ext*. A canalização de água, esgoto, gás etc. 6. *Por ext*. O conjunto de estabelecimentos, agências etc., para atender ao público. (MELHORAMENTOS, 2005, p. 438)

A duplicidade de sentido da sentença acima deriva de uma característica própria do vocábulo rede. Assim, rede pode ser entendida como o local sobre o qual a pessoa está deitada, jogando qualquer espécie de jogo, ou como internet, acepção nova, derivada da expressão *Rede Mundial de Computadores*, jogando qualquer jogo *online*. A questão é que a ambiguidade pode ser um recurso desejado ou indesejado, daí a necessidade de reconhecê-la, de forma que seu emprego (ou não) corresponda às intenções discursivas do enunciador. Numa piada, ou em textos publicitários, por exemplo, a ambiguidade é um rico recurso a ser explorado, já em textos informativos ela, geralmente, não é bem-vinda.

Na Libras, a ambiguidade pode se manifestar sintática e semanticamente. Não é incomum um usuário neófito da Libras ser flagrado empregando o recurso da anáfora ou o sistema pronominal de forma equivocada, gerando, assim, duplicidade de sentido para o receptor da mensagem. São fenômenos sintáticos que, se mal empregados, levam a uma indeterminação do referente, como no exemplo:

EL@ SAIR EL@ ONTEM.

Durante a sinalização dessa sentença, se o sinalizador apontar para o mesmo lugar no espaço, ou apontar para um lugar no espaço onde um referente não foi previamente introduzido, levará seu receptor a tomar um referente equivocado ou a não saber de que referente se trata. Isso deve-se ao fato de o sistema pronominal e a anáfora na Libras serem construídos por meio da apontação para um espaço determinado no entorno de sinalização. Dessa forma, para realizar o pronome EL@, o sinalizador pode escolher um ponto no seu espaço de sinalização e apontar para ele toda vez que quiser fazer menção ao mesmo referente. Todavia, se o pronome EL@ for usado com um referente diferente, o sinalizador deve apontar para um novo ponto no seu espaço de sinalização. Da mesma forma, ao introduzir referentes novos no discurso, o sinalizador deve marcá-los,

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

identificá-los, associando-os a pontos específicos no espaço, de modo a sempre que apontar para um determinado ponto, que foi preestabelecido, ele estará fazendo menção ao referente introduzido naquele espaço específico.

Em relação à possibilidade de ambiguidade na sentença anterior, ela se equipara ao que acontece em português, no caso de sentenças como a seguir:

João combinou de ir ao jogo com Pedro, mas ele não disse se gostou do jogo.

Repare que a ambiguidade existe porque o pronome "ele", nessa situação, não explicita qual referente deve ser resgatado, se João ou Pedro (João ou Pedro pode não ter dito se gostou do jogo). Na Libras, o uso inadequado do espaço para introduzir e resgatar referentes tem efeito semelhante. Imagine que na tradução dessa sentença, por equívoco, o sinalizador introduz os referentes "João" e "Pedro" no mesmo ponto do espaço, e, na sequência do discurso, empregando anáfora, aponta para o mesmo ponto de modo a retomar um dos referentes previamente introduzidos, porém, como foram dois os referentes marcados naquele mesmo espaço, o receptor não tem como saber a qual dos dois o sinalizador se refere, o que resulta numa indeterminação do referente.

No nível semântico, a ambiguidade é um efeito de sentido que pode ser causado por vários fenômenos, como a homonímia e a polissemia, explorados nas seções a seguir, onde você encontrará exemplos de ambiguidade semântica na Libras.

Homonímia

A homonímia tem a ver com a coincidência que há na forma de algumas palavras, as quais apresentam significado distinto. Nesse caso, elas podem ter a mesma escrita e/ou pronúncia, mas os significados a que remetem são diferentes. Esse fenômeno é geralmente explicado diacronicamente, isto é, olhando para o passado da língua, investigando de onde essas palavras se originaram, o que revela, muitas vezes, que nas línguas de onde se originaram elas tinham formas e significados distintos, mas ao se incluírem numa nova língua, no processo de evolução desta, acabam ficando com a mesma forma, como demonstra o caso indicado abaixo:

> A manga da camisa tem sua origem no latim *manica*, que quer dizer "parte da vestimenta que recobre os braços", já manga fruta tem sua origem no tâmul *mankay,* que quer dizer "fruto da mangueira". Ambas têm origem distintas, com significado[2] e significantes[3] diferentes. No entanto, a partir de uma sonorização que transforma o fonema /k/ em /g/, em português elas passam a ter significantes idênticos. (PIETROFORTE; LOPES, 2007, p. 129)

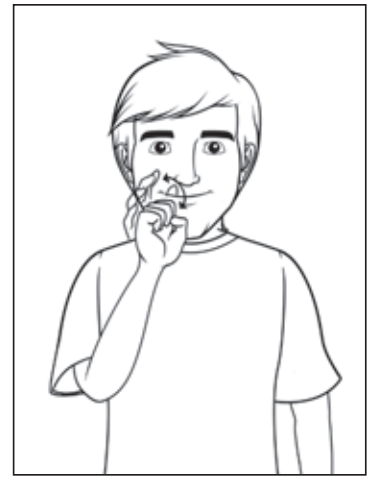
[2] Equivale a dizer conceito.

[3] Equivale a dizer a forma como o conceito é expresso, sequência de sons ou sinais.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

A boa notícia é que geralmente a confusão que os homônimos poderiam causar é desfeita pelo contexto em que os mesmos são empregados. Sob essa perspectiva, são homônimos na Libras os sinais de laranja e sábado, ambos com a mesma realização:

LARANJA.



SÁBADO.

Quando os homônimos são escritos e pronunciados da mesma forma em português, eles são chamados de homônimos perfeitos. Homônimos perfeitos na Libras correspondem a sinais "idênticos", isto é, sinais que apresentam a mesma forma de sinalização, mas possuem significados diferentes, como o par PIADA X ENGRAÇADO, representado abaixo:

PIADA.

ENGRAÇADO.

Num dicionário, palavras homônimas têm entradas separadas, cada uma é apresentada de maneira independente, com seu significado próprio, como retrata a imagem fornecida, onde há uma entrada para manga (de camisa) e manga (fruta):

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

manequim **manta**

Ma.ne.quim *sm* **1** Boneco que representa uma figura humana. **2** Medida para roupas feitas. *s* Modelo.

Ma.ne.ta (ê) *adj+s* Pessoa a quem falta um braço ou uma das mãos.

Man.ga¹ *sf* Parte do vestuário que cobre o braço.

Man.ga² *sf* Fruto da mangueira.

Man.ga.ba *sf* Fruto da mangabeira.

Man.ga.bei.ra *sf* Pequena árvore da família das Apocináceas, comum nas restingas e cerrados brasileiros.

Man.ga.ção *sf* Zombaria, gozação.

Man.ga-lar.ga *adj+sm* Diz-se do cavalo de raça no Brasil. *pl*: mangas-largas.

Ma.ni.e.tar *vld* **1** Atar as mãos de. **2** Algemar, prender. **3** *fig.* Constranger, tolher.

Ma.ni.fes.ta.ção *sf* Expressão pública de opiniões ou sentimentos coletivos.

Ma.ni.fes.tan.te *adj+s* Que manifesta ou entra em uma manifestação.

Ma.ni.fes.tar *vtd* **1** Tornar manifesto, público. **2** Mostrar, revelar. *vpr* **3** Dar-se a conhecer; revelar-se, traduzir-se. **4** Exprimir-se, mostrar opinião.

Ma.ni.fes.to *adj* Claro, evidente, público. *sm* **1** Declaração pública. **2** Documento escrito que expõe uma declaração.

Ma.ni.lha *sf* Tubo de barro vidrado, usado em canalizações.

(MELHORAMENTOS, 2005, p. 319. Adaptado.)

Figura 1 – Duas entradas de manga em dicionário.

Pelo que foi discutido nesta subseção, chega-se à conclusão de que, ao se empregar sinais homônimos, é sempre necessário ter em mente que o contexto deve estar suficientemente claro para que o interlocutor entenda a mensagem transmitida.

Polissemia

Um outro fenômeno linguístico que está relacionado à ambiguidade semântica é a polissemia, que pode ser definida tal como segue:

> Na polissemia, a um único significante correspondem vários significados: por exemplo, ao significante vela correspondem os significados "objeto para iluminação formado de um pavio constituído de fios entrelaçados, recoberto de cera ou estearina"; "peça que causa a ignição dos motores"; "pano que, com o vento, impele as embarcações etc. (PIETROFORTE; LOPES, 2007, p. 131)

Segundo os autores, a polissemia pode ser explorada por meio do uso da mesma palavra com significado diferente, como na conhecida frase de Pascal: "O coração tem razões que a própria razão desconhece." No primeiro emprego da

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

palavra razão, o significado em jogo é o de "motivos", no segundo, o significado pretendido é o da "capacidade de julgar, raciocinar". A polissemia tem a ver com o fato de um mesmo signo poder ser usado em contextos distintos, como retratam os exemplos empregados por Pietroforte e Lopes (2007, p. 132):

a) A babá tomou a mão da criança (segurou).

b) Os EUA tomaram Granda (ocuparam).

c) Agora ele só toma água (bebe).

d) A Cidade Universitária toma vários alqueires (ocupa).

e) Depois que ele virou universitário, tomou um ar insuportável (assumiu).

Isso é uma mostra de que "[a] linguagem humana é polissêmica, pois os signos, tendo um caráter arbitrário e ganhando seu valor nas relações com os outros signos, sofrem alterações de significado em cada contexto" (PIETROFORTE; LOPES, 2007, p. 132). Em relação a esse fenômeno na Libras, já há uma dissertação, da área da tradução, intitulada "A questão da padronização linguística de sinais dos atores-tradutores surdos do curso de Letras-Libras: estudo descritivo e lexicográfico do sinal 'cultura'", na qual a pesquisadora discute, além da variação linguística no uso do sinal – alguns atores-tradutores empregavam variantes regionais – a polissemia da palavra cultura em português e o desafio que tal fenômeno impõe à tradução.

Essa preocupação de como lidar com a polissemia durante a tradução também é tratada por Rónai (1976):

> A polissemia faz com que a uma palavra do idioma A correspondam duas palavras no idioma B. À nossa palavra "relação" podem corresponder duas palavras em francês, *relation* e *rapport*, nem sempre substituíveis. Por outro lado, ao adjetivo francês *simple* correspondem em português "simples" e "singelo". (RÓNAI, 1976, p. 19, grifo do autor)

Pode-se dizer que a polissemia é um desafio para tradutores e também para os usuários iniciantes ou não tão fluentes na Libras, posto que nem sempre na Libras um sinal carrega todos os significados que a palavra equivalente pode assumir no português. Em relação a isso, vale considerar se, nas frases abaixo, a palavra *fraco* em português pode ser traduzida, em todos os casos, para o sinal FRACO:

1. Meu cachorro está fraco, doente.

2. A aula dele está fraca, não gostei.

3. Essa sopa está fraca, sem vitaminas.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Nos enunciados (1) e (2), o sinal FRACO pode substituir a palavra *fraco*, o mesmo não ocorre no enunciado (3). Nele a palavra *fraca* daria a noção de ruim e não de que a sopa em questão tem carência de vitaminas, o que seria um caso a se pensar se ainda se trata de polissemia ou um uso inadequado de sinais. Mesmo assim, o significado de FRACO em (1) e (2) demonstra que na Libras esse sinal é polissêmico, posto que pode apresentar mais de um significado dependendo do seu contexto de uso.

Diferentemente de palavras homônimas, as polissêmicas apresentam apenas uma entrada no dicionário, haja vista se tratarem da mesma palavra, apenas com vários significados possíveis, os quais se manifestarão em contextos específicos. Aliás, o dicionário é uma ferramenta muito útil não só para aprender a distinguir homonímia de polissemia, mas também para incrementar seu vocabulário por meio do estudo de sinônimos e antônimos e ainda desvendar relações de campo semântico entre os vocábulos. Você apenas não encontrará muita ajuda nos dicionários quanto ao fenômeno da metáfora, principalmente nos dicionários da Libras. A metáfora, de todo modo, não é algo que possa ser sempre registrado nos dicionários, afinal, trata-se de um fenômeno dinâmico. Entretanto, algumas metáforas acabam por se "cristalizar" na língua, tornando-se passíveis de escrutínio linguístico, tal como proposto em relação a algumas metáforas da Libras no texto complementar desta aula. Boa leitura!

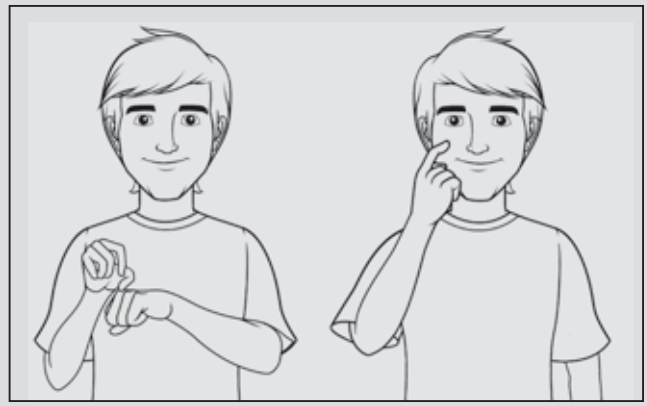
Texto complementar

Metáfora na LSB: debaixo dos panos ou a um palmo de nosso nariz?

(FARIAS, 2001, p. 193-196)

Os atos de fala estão recheados de diferentes usos da metáfora como atividade humana. É o ser humano utilizando-se de ferramentas cognitivas para se expressar. Somente o contexto determina se CARNE está significando a carne propriamente dita ou ESTAR-PESSOALMENTE-EM-ALGUM-LUGAR / AO-VIVO!

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br



Enfim, se o item está empregado em seu sentido mais ou menos comum ou se está no domínio fonte ou alvo – metafórico. As construções metafóricas apresentadas no *corpus* da parte II foram legitimamente geradas na LSB. Elas diferem consideravelmente daquelas construídas por ouvintes, falantes nativos de LP. De forma bastante precisa, essa evidência confirma que a visão pragmática que os indivíduos têm do mundo inclui concepções culturais e sociais as quais não são as mesmas partilhadas pelos falantes de todas as línguas, independentemente de partilharem o mesmo espaço físico, como é o caso das pessoas surdas que possuem experiência de mundo diferenciada da dos ouvintes.

O *corpus* metafórico encontrado na LSB, efetivamente, demonstra uma riqueza de itens lexicais que expressam unidades complexas de pensamento, na maioria das vezes, relacionados a "ideias". Tais ideias complexas, subjacentes aos itens da LSB, assemelham-se a ideogramas – símbolos gráficos, imagens convencionais ou desenhos que representam um objeto ou uma ideia, não um fonema ou uma sílaba, mas uma ou mais unidades de sentido (HOUAISS, 2001).

A análise dessas unidades evidencia que vários desses itens e/ou fraseologismos da LSB têm fraseologismos equivalentes na LP e, especialmente aqueles mais idiomáticos, cuja metáfora é semelhante nas duas línguas em questão, apontam para empréstimos da LP à LSB.

Isso ocorre, provavelmente, devido ao contato das duas línguas, ou seja, um fato até certo ponto previsível, visto que uma comunidade surda, falante

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

da LS, é multicultural e o contato de duas culturas parece influenciar o léxico de ambas. É provável que, à medida que a LSB vá se socializando e penetrando mais nos ambientes ouvintes, esse fenômeno acarrete empréstimos linguísticos, também, da LSB para a LP, um percurso natural de duas línguas em contato.

Um neologismo, e também um empréstimo, em LS pode, como os modismos, se perderem ou serem incorporados à língua. Caso haja a incorporação, um neologismo ou empréstimo pode passar pelo processo de lexicalização. Curiosamente, boa parte dos fraseologismos registrados com metáfora equivalente nas duas línguas, parece ser contemporânea aos fraseologismos da LP. Entretanto, alguns já caíram em desuso na LP, mas aparecem vivos na LS.

Ainda a respeito dessas unidades complexas, há indícios de que as combinações fixas na LSB não são muitas. Essa hipótese se põe com base na quantidade reduzida de combinações fixas encontradas na LSB, mas é posta em xeque diante do conhecimento incipiente que a pesquisadora tem da LSB. Para elucidar as combinações realmente fixas na LSB, faz-se necessário a gravação de horas de eventos interativos entre surdos, o que demanda uma pesquisa específica sobre o tema.

Outra hipótese para essa ocorrência pode ser atribuída à modalidade visual-espacial e ao caráter sintético das LS, que permitem a articulação de ideias em itens lexicais – *grosso modo*, propriedades avaliadas por muitos como marcas de língua pobre e simplificada, principalmente por que um único item numa LS, por vezes, exige uma frase completa ao ser traduzido para uma língua oral. Entretanto, essa configuração das LS é riquíssima e altamente complexa, pois possibilita a realização sequencial e simultânea de constituintes "fonológicos". Na LP, esse fenômeno ocorre no processo de formação de palavras por aglutinação – constituintes fonológicos e morfológicos se aglutinam e formam uma unidade lexical simples. Dessa forma, um único item lexical é capaz de apresentar uma simultaneidade e complexidade enorme de sentidos. Esse fenômeno ecoa na argumentação de Stumpf (2002, p. 67), que sustenta que "conceitos que nós surdos passamos a usar seguidamente em língua de sinais brasileira e precisam de vários sinais para explicar acabam por dar origem a um novo sinal. Por exemplo, a palavra disciplina. Falávamos aula de história, aula de português etc., agora temos um sinal para disciplina".

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Foram identificadas metáforas que flutuam entre um item e um fraseologismo, questão que corrobora a hipótese de Stumpf (2002) e endossa o surgimento dos neologismos em LS. Na constituição discursiva de um neologismo que se baseia em uma ideia, em LS, muitas vezes ele surge numa formação fraseológica que aos poucos se modifica e se lexicaliza num único item lexical. Por exemplo, foram encontrados, no *corpus,* a frase QUEBRAR CARA – não ilustrada nesse trabalho – e o item QUEBRAR-A-CARA. Representam, respectivamente, a constituição fraseológica, discursiva e transitória de uma ideia que parece caminhar para a lexicalização em uma unidade lexical simples, de um empréstimo linguístico da LP para a LSB.

QUEBRAR-A-CARA.

À luz dessa hipótese, pode-se dizer que os fraseologismos da LSB estariam, ainda, no nível da discursivização, uma vez que formas lexicalizadas e gramaticalizadas tendem a se cristalizar, nas LS, por meio de uma unidade lexical simples. Esses itens que cristalizam ideias em unidades lexicais com um único significante, porém com significado amplo e complexo, está sendo denominado, neste trabalho, de "ideativo" – relativo a ideia ou ideias, etimologicamente, ideado (HOUAISS, 2001). Essa ideia, conceito ou unidade complexa de pensamento que não corresponde, morfologicamente, a uma das classes de palavras conhecidas da gramática tradicional, parece ocupar uma posição de "verbo leve"– aquele sem valência, que perde seu significado e passa a ser utilizado com função gramatical – e/ou simplesmente interjetiva.

Uma vez que esses verbos abarcam um conceito geral, amplo, que se aproxima de uma ideia, talvez fosse possível falar em "categoria ideativa". Por outro lado, os itens em questão podem simplesmente ser tratados como meros itens léxico-gramaticais de uma língua sintética, cuja modalidade permite sobrepor estruturas complexas, conceptualizadas e/ou metaforizadas no espaço, em contraste com uma língua mais analítica como é o caso da LP. Embora a maioria dos dados gerados se referirem diretamente a um item lexical, também foram encontrados alguns fraseologismos que representam uma formação relativamente estável em LSB. Para sustentar a hipótese que

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

ora se elege, esses itens ideativos com representação fraseológica podem ser transitórios, por estarem no nível do discurso e, ainda, não lexicalizados. Todas essas hipóteses emergentes das reflexões a respeito do *corpus*, carecem de estudo mais aprofundado para que possam ser confirmadas ou refutadas.

Uma outra hipótese a ser testada a respeito da lexicalização das unidades complexas em um único item lexical pode estar associada ao nível de proficiência do falante de LSB: o surdo com maior grau de proficiência na LSB usaria mais expressões ou itens ideativos que surdos com menor grau de proficiência na LSB, ou mais especificamente, aqueles que têm formação mais bimodal. Esse processo parece ocorrer de forma semelhante com ouvintes no processo de aquisição da LS.

Por fim, se vier a ser confirmada e generalizada a evidência de Stumpf (2002, p. 67) de que a LS tem uma tendência a transformar paráfrases em um único item lexical, será plausível afirmar que um fraseologismo em LS tem uma tendência a se cristalizar na forma de um item lexical, processo facilitado pela modalidade da língua – visual-espacial – e por seu caráter de estrutura morfossintática "sobreposta". Essa hipótese encontra respaldo no princípio da economia linguística que, grosso modo, sustenta que o falante tende a não explicitar informações estruturais consideradas redundantes.

Dicas de estudo

- Dissertação de mestrado, "A metáfora na LSB e a construção dos sentidos no desenvolvimento da competência comunicativa de alunos surdos", de Sandra Patrícia Farias.

  Leitura recomendada para os que pretendem ter uma visão detalhada da metáfora e de como ela se manifesta na Libras. Além disso, a leitura vale a pena pelas metáforas exploradas pela pesquisadora, as quais podem servir como uma espécie de fonte de consulta.

- Livro *Introdução à Semântica: brincando com a Gramática*, de Rodolfo Ilari, 7. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

O livro traz de forma bastante descontraída e em linguagem acessível a leigos assuntos pertinentes da semântica que influenciam na competência discursiva de qualquer falante. Embora trate especificamente do português, é um bom ponto de partida para entender alguns importantes fenômenos semânticos e estendê-los ao estudo da Libras, ainda carente de pesquisas nesse nível de análise.

Atividades

1. Discuta a definição de semântica.

2. Discorra sobre hiperonímia e hiponímia com base na relação entre os conceitos de animal, réptil, ave, mamífero, gato, cachorro, morcego e homem.

3. Fundamentando-se no texto complementar desta aula, discuta se a Libras apresenta metáforas que lhes são próprias.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Referências

FARIAS, Sandra Patrícia de. Metáfora na LSB: debaixo dos panos ou a um palmo de nosso nariz? **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v. 7, n. 2, p. 179-199, jun. 2006.

MCCLEARY, L.; VIOTTI, E. **Semântica e Pragmática**. Material didático do curso de Letras Libras a Distância. Florianópolis: UFSC, 2009.

MANGA. *In*: MELHORAMENTOS dicionário de língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2005.

MÜLLER, Ana Lúcia de Paula; VIOTTI, Evani de Carvalho. Semântica formal. *In*: FIORIN, José Luiz (Org.). **Introdução à Linguística II**: princípios de análise. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

OLIVEIRA, R. P. Semântica. *In*: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à Linguística**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

PIETROFORTE, Antonio Vicente Seraphim; LOPES, Ivã Carlos. A semântica lexical. *In*: FIORIN, José Luiz (Org.). **Introdução à Linguística II**: princípios de análise. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

REDE. *In*: MELHORAMENTOS dicionário de língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2005. p. 438.

RÓNAI, Paulo. **A Tradução Vivida**. Rio de Janeiro: Educom, 1976.

Gabarito

1. Resposta mínima deve contemplar que embora não exista consenso sobre o que seja o significado, é comum identificar a semântica como a área da linguística dedicada ao estudo do significado.

2. O esperado é que o aluno reconheça as relações hierárquicas entre esses conceitos e aponte que a hiperonímia, representada no topo da hierarquia apresentada pelo conceito de "animal", consiste em conceitos mais amplos, gerais, capazes de englobar outros mais específicos, a hiponímia, como mamífero, ave e réptil em relação a animal, ou como gato, cachorro, morcego e homem em relação à categoria de mamífero.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

3. Como resposta mínima o aluno deve reconhecer que em sua pesquisa Farias encontrou construções metafóricas legitimamente geradas na LSB, que se diferenciam consideravelmente daquelas construídas por ouvintes, falantes nativos de LP, e que são tomadas por empréstimo, fenômeno que ocorre entre quaisquer línguas em contato.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br